

Arte contemporânea na escola: práticas "educriativas" com a poética do lambe-lambe

*Contemporary art at school: "educriativas"
practices with the poetics of stickers*

LEIDE FAUSTA GOMES DA SILVA* & MARISE BERTA DE SOUZA**

Artigo completo submetido a 2 de maio de 2018 e aprovado a 9 de Maio de 2018

*Brasil, Artista Visual/ Arte-educadora. Afiliação: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos. Rua Barão de Jeremoabo, PAF IV, s/n, Ondina, CEP: 40170-115, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: leidefausta@yahoo.com.br

**Brasil, Produtora e realizadora de cinema e audiovisual. Afiliação: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos. Rua Barão de Jeremoabo, PAF IV, s/n, Ondina, CEP: 40170-115, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: marise.bera@uol.com.br

Resumo: Este artigo relata e debate uma proposta pedagógica desenvolvida no âmbito da educação artística, a qual teve como objetivo aproximar a arte contemporânea da cultura local. Documenta um processo de ensino-aprendizagem experimental que se deu por meio de práticas "educriativas" expostas em sala de aula e em espaços urbanos, constituídas em: conversa inicial, explanação participada, ação criadora, intervenção urbana e autoavaliação. Por fim, aborda considerações e impressões a respeito do trabalho.

Palavras chave: Arte contemporânea / Cultura local / Práticas "educriativas" / Intervenção urbana.

Abstract: *This article reports and discusses a pedagogical proposal developed in the field of artistic education, which aimed to bring contemporary art closer to the local culture. It documents a process of experimental teaching and learning that has occurred through "educative" practices exposed in the classroom and in urban spaces, constituted in: initial conversation, participatory explanation, creative action, urban intervention and self-assessment. Finally, it addresses considerations and impressions about work.*

Keywords: *Contemporary art / Local culture / "Educational" practices / Urban intervention.*

Introdução

As práticas abordadas neste artigo integram um projeto pedagógico de pesquisa construído ao longo do curso de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal da Bahia em parceria com a UDESC/CAPES, desenvolvido em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal São Francisco, Praia do Forte, litoral norte baiano.

Esta comunicação procura relatar e analisar as práticas “educriativas”, termo cunhado como forma de reafirmar que o processo realizado seguiu o itinerário da educação e da criação e que não existe hierarquia entre elas, pois as mesmas operam em articulação e sem assimetrias entre si.

A prática experimental empreendida foi assente nas Artes Visuais sob a perspectiva da Arte Contemporânea, tendo como recorte a Arte Urbana, em especial na expressão Lambe-lambe. O Lambe-lambe consiste em uma ação de colagem em espaços públicos, de um cartaz artístico, no qual pode conter críticas sociais, ideias e sentimentos, concretizando-se a partir de materiais acessíveis e de baixo custo. Essa expressão se mostrou ser um meio adequado para promover a aproximação com a cultura local e de dar sentido aos conteúdos próprios das Artes Visuais previstos na matriz curricular.

A escola está inserida em uma comunidade de raízes tradicionais, advinda de uma antiga aldeia de pescadores estabelecida em torno da fortaleza construída a mando do português Garcia D’Ávila, por volta de 1551. Muitas famílias se abrigaram no território, atraídas pelo plantio e colheita de cocos, pela pesca e pelo trabalho de marinhaio, dedicando-se a travessia de pessoas e mercadorias. Hoje se constitui ainda pela pesca, artesanato e manifestações culturais, coexistindo com influências contemporâneas, além de outros motivos, por conta do viés turístico presente na região, o que agrega a convivência com diferentes culturas.

Para a realização desse trabalho, tivemos como disparador as Caretas, bloco de tradição cultural da Vila que sai durante o carnaval, festa mais popular do nosso país. O tema selecionado partiu dos(as) educandos(as), em virtude da pesquisa de interesse.

As práticas “educriativas” seguiram uma estratégia metodológica fincada na vivência dos conteúdos e no envolvimento das(os) educandas(os), em que se privilegiou o seguinte percurso: conversa inicial; a explanação participada sobre manifestações populares de lugares diversos; a leitura, interpretação e análise de obras de artistas que trabalham com a linguagem lambe-lambe; a ação criadora e intervenção no espaço público. Ao final da vivência foi feita uma conversa para compartilharmos nossas impressões, pontos de vista e avaliarmos a experiência como um todo.

No quadro teórico, o processo desenvolvido foi fundamentado nas ideias de Katia Canton, quando a autora trata das relações entre a arte contemporânea e a vida; de Ana Mae Barbosa, no que concerne à Abordagem Triangular e Fayga Ostrower, ao discorrer sobre o ato de criar; entre outros.

Com as práticas "educricativas" as(os) educandas(os) perceberam que as manifestações artísticas e culturais fazem parte do cotidiano, estão presentes no dia a dia e que a arte está em todos os lugares, não é mais aquela que se encontra somente nos museus ou criadas por artistas reconhecidos, providos de um dom especial. Ela é trabalho, pesquisa, estudo. É um fazer e refazer constante e podemos aprender a fazê-la.

Práticas "educricativas"

A proposta pedagógica buscou aproximar a arte contemporânea da cultura local, a fim de tornar o processo ensino-aprendizagem mais significativo para os(as) educandos(as) e fomentar a interação da escola com a comunidade.

O processo "educricativo" se deu nas seguintes etapas: sensibilização para o tema, pesquisa de interesse, nutrição visual, análise de contexto, ato criador, intervenção urbana e auto avaliação. Para Ana Mae Barbosa, "o conhecimento das artes se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação" (Barbosa, 2012: 33), formando a tríade proposta por ela. Dessa maneira, o trabalho também consistiu em unir a contextualização, a apreciação e o fazer artístico, sem necessariamente seguir essa sequência e sem hierarquizá-las, buscando constantemente articular a cultura dos(as) educandos(as), à cultura do outro e ao conhecimento sistematizado.

No primeiro momento, denominado de *provocação*, as práticas foram iniciadas com a sensibilização a partir de uma tempestade de ideias acerca do tema manifestações culturais, na qual todos falavam o que vinha à mente. Foram observadas imagens para a leitura e discussão de algumas manifestações presentes no catálogo da exposição "Patrimônio Imaterial Brasileiro: a celebração viva da cultura dos povos", realizada na Caixa Cultural, Salvador-Bahia em 2016. Nele contém exemplos da tradição e patrimônio cultural imaterial presentes na cultura brasileira. Discutimos, dentre os assuntos que surgiram, a respeito da conservação, preservação e tombamentos, pensando sob o viés da educação patrimonial.

Realizamos um mapeamento de interesses para descobrir o tema gerador sobre o qual a turma queria se debruçar. Cada um/uma respondeu um questionário sobre as manifestações populares que acontecem na sua comunidade, com as questões: Quais as manifestações culturais que conhecem? Já participa-

ram de alguma manifestação? Na sua cidade tem alguma festa popular? Como se dá essa festa (breve resumo)? Em que época do ano?

Ao serem questionados(as) se na sua cidade/comunidade ocorre alguma festa popular, majoritariamente citaram o São João e o Carnaval, desta forma, optamos trabalhar com esse último, trazendo como recorte o “bloco” das Caretas, uma vez que noventa por cento da turma citou tal manifestação na pesquisa de interesse.

A manifestação escolhida integra a cultura local, sua origem remete ao período da escravização, nessa região do país. A máscara é tida como elemento mais relevante desse acontecimento, desta forma decidimos enfatizá-la através do estudo de diferentes culturas que a tem como característica marcante. Para isso realizamos uma nutrição estética visual, que culminou na interpretação, análise e discussão sobre as semelhanças e diferenças existentes entre as máscaras de diversas regiões, fazendo um estudo da simbologia, dos estilos, materiais, suportes e modo de construção.

Katia Canton na publicação “Espaço e lugar” na qual discute sobre o mundo atual e os reflexos na arte contemporânea, menciona que de maneira simultânea a arte se nutre da subjetividade e de outra parte “que é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida, para que com esse material seja possível estabelecer um grande número de relações. Assim, a fim de contar essa história de modo potente, efetivo, a arte precisa ser repleta de verdade. Precisa conter espírito de tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços.” (Canton, 2014:13)

Desta forma, as atividades desenvolvidas foram pertinentes ao campo da arte do nosso tempo, uma vez que ela possibilita a inclusão de diferentes materiais, espaços e tempos, na materialização dos processos artísticos. A arte da atualidade possibilita a liberdade de pensamento e ação, aproximando assim a arte da vida cotidiana.

Utilizamos o catálogo de roteiro do Museu Afro Brasil em São Paulo (Figura 1), na continuação da discussão, focando nas máscaras apresentadas, buscando assim entender as nuances de cada localidade. Lancei mão também da projeção de imagens, a partir da qual pudemos discutir sobre a utilização de máscaras em diversas culturas do Brasil e de outros países; partindo, nesse momento, do global para o local.

Refletimos sobre o intercâmbio cultural que ocorre quando entramos em contato com diferentes culturas. Moacir dos Anjos no livro “Local/global: arte em trânsito” analisa as questões identitárias a partir das mudanças que ocorrem com a interlocução e relações com o outro, afirmando: “por força dessas mudanças, a noção de identidade cultural é instada a mover-se do âmbito do

que parece ser espontâneo e territorializado para o campo aberto do que é constante (re)invenção.” (Anjos, 2005:14). Mostrando que na atualidade parece impossível se isolar do resto do mundo, seja pelo rompimento de barreiras geográficas ou simbólicas, pelas imigrações ou pelas informações decorrentes da era comunicacional e virtual. Cabe a aceitação da presença de construtos simbólicos de culturas distintas, entretanto não é um acolhimento passivo em que se assimila qualquer coisa, mas sim ativo ao selecionar e julgar o que não interferirá no elemento constituinte.

Com o objetivo de que os(as) educandos(as) expandissem seu repertório artístico-cultural e materializassem suas poéticas pessoais, exibimos obras na linguagem Lambe-lambe contextualizando-as com os conceitos da *street art*, intervenção urbana e espaços públicos e privados.

Seguidamente, partimos para a criação individual de um pôster, em papel jornal com imagem de uma máscara (Figura 2). Na produção cada um(a) pôde se expressar livremente, a qual foi motivada pelos conhecimentos que já tinham. Ainda nesta etapa, puderam ampliá-los e ressignificá-los a partir da apreciação das imagens e das discussões em sala de aula.

A criação das máscaras em pôsteres, proporcionou o aprendizado de procedimentos do fazer artístico, a experiência estética e o exercício do potencial criativo. Além disso, como salienta Fayga Ostrower, “o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. (Ostrower, 2010:9).

Após criação do cartaz lambe-lambe partimos para a intervenção artística (Figura 3). Durante a colagem dos pôsteres na rua, foi possível refletir sobre o conceito de arte, onde ela está presente, onde é possível encontrá-la e quais os materiais que podem ser utilizados para a sua concretização (Figura 4, Figura 5 e Figura 6). Pensamos sobre a efemeridade da arte atual, e por conta disso como podemos “eternizá-la” se esse for o desejo do artista e do espectador; foi possível vivenciar elementos ligados aos espaços públicos e privados, ao serem provocados(as) a colar o pôster em espaços que tinham tais condições.

Fora da escola, entramos em território conhecido e simultaneamente desconhecido, por ter sido revisitado de modo diferente do habitual; é como se estivéssemos à deriva em mar familiar. Saímos da área de conforto para encarar o incomum. Estar à deriva no sentido de expansão, de diferentes horizontes e de alçar voos. Assim, nos aventuramos, mediados pela arte contemporânea, na gama de possibilidades que o ambiente e a comunidade permitiram. Ao estar na rua, conectamo-nos com a vida, com suas qualidades de espontaneidade e de não controle dos acontecimentos. Era a vida acontecendo, como versa



Figura 1 · Discussão a respeito das máscaras em diferentes culturas. Foto: Siane Salvador.

Fonte: própria.

Figura 2 · Educandos(as) criando seus pôsteres.

Fonte: própria.

Canton "a prática artística passa a assumir-se como um projeto de negociação incessante com os acontecimentos e as percepções da vida, incorporando-a e comentando-a em suas grandezas e pequenezas, em seus potenciais de estranhamento, em suas banalidades e seus afetos". (Canton, 2007:23)

Neste cenário percebemos nitidamente aspectos da arte contemporânea, dentre outros, tivemos a rua como suporte; compreendemos as noções de tempo. A efemeridade e transitoriedade foram constatadas e apreendido que anteriormente as obras eram feitas para a eternidade e que hoje são transitórias, além de poderem ser concretizadas no mesmo instante em que o espectador a observa e não apenas depois de expostas.

Aconteceu um fato curioso, após começarem as colagens fomos por algum tempo vigiados por policiais que nos acompanharam. Então refletimos a respeito de como a arte de rua ainda é discriminada, e muitas vezes nosso direito de interferência artística em espaços públicos é coibido.

Percebemos que para eles(as) era importante afixar as suas criações próximos a lugares que tinham algum significado, como colar próximo a residência, na rua de casa, o que corrigiu uma percepção nossa feita *a priori* de que seria interessante colar em locais de fluxo intenso para que a maior quantidade de pessoas apreciasse as produções. Pensamos que essa demarcação de território pode ter origem na não representação deles(as) nos espaços da Vila. Uma vez que os espaços com maior visibilidade são permeados pelo comércio e vinculados ao turismo; pousadas, hotéis, lojas e vitrines que incentivam primordialmente o consumo.

Como todo o processo baseou-se no diálogo e na negociação tentamos não interferir nas suas escolhas, e isso possibilitou que se colocassem como protagonistas. Foi nítida a troca de saberes e a cooperação entre a turma desde o desenho das máscaras até à sua fixação. As pessoas que passavam pelas ruas, becos e vielas, paravam para observar a ação, as imagens; alguns interagiram através de comentários e perguntas aos(as) educandos(as). Ao final de cada experiência compartilhávamos oralmente nossas impressões, pontos de vista e os(as) educandos(as) avaliavam a própria participação nas vivências.

Analice Dutra Pillar, conforme as teorias de Piaget, acrescenta que "o observável tem sempre a marca do conhecimento, da imaginação de quem observa, ou seja, depende das coordenações do sujeito, das estruturas mentais que ele possui no momento, as quais podem modificar os dados." (Pillar, 2014:9). Não há leitura única para uma imagem, mas sim pluralidades de leituras. O que é representado não é a realidade absoluta do objeto, mas a interpretação do artista e também do receptor. Quando observamos algo o nosso olhar está permeado de referenciais, de vivências e conhecimentos, desta forma, é possível que um



Figura 3 · Turma com as máscaras prontas.
Fonte: própria.

Figura 4 · Intervenção urbana: colagem dos pôsteres pelas ruas. Fonte: própria.



Figura 5 · Espalhando imagens pela vila.
Fonte: própria.

Figura 6 · Educando colando pôster.
Fonte: própria.

mesmo objeto desperte pluralidades de interpretações tanto de uma mesma pessoa quanto de pessoas diferentes.

É fundamental dizer que ter trabalhado na perspectiva da arte contemporânea articulada à cultura local fez todo sentido, pois as experiências contemplaram o cotidiano vivido pelos(as) educandos(as), o que permitiu a reflexão e a compreensão da realidade e vivenciaram elementos estéticos que não estão submetidos unicamente às noções de perfeição e beleza, mas que são vinculados à narrativa e ao aspecto simbólico das representações visuais, permitida pela noção de “arte como produtora de sentido, e não apenas como criação estética” (Canton, 2009:25).

Segundo Jorge Larrosa Bondía a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondía, 2002:21), e nos tocando nos forma e transforma. A experiência nesta direção está cada vez mais rara na escola. Estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais apressada, diariamente temos que lidar com muitas informações, com a rapidez dos acontecimentos, com a má utilização do tempo, desta maneira a experiência se faz necessária, Bondía aconselha que haja uma interrupção para que possamos: “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes [...]. Cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”. (Bondía, 2002:24). As práticas “educriativas” convergiram com o pensamento de Bondía ao propor que participássemos como sujeitos de experiência e que ao passarmos por ela pudéssemos nos formar e nos transformar. Ele amplia a reflexão ao afirmar que o saber da experiência faz a mediação entre o conhecimento e a vida humana.

Estávamos diante de experimentos reflexivos durante todo o processo, desde a leitura das imagens até a intervenção urbana. Ao mesmo tempo em que experimentávamos esteticamente cada instante “educriativo”, estávamos também numa atividade cognitiva, na tentativa de vivenciarmos uma “experiência real”, como menciona John Dewey em sua obra “Arte como experiência”, na qual enfatiza que “a experiência estética não pode ser nitidamente distinguida da intelectual, uma vez que esta última precisa exibir uma chancela estética para ser completa” (Dewey, 2010:114). Portanto, a definição de experiência estética defendida nas práticas relatadas é a que abarca o intelecto, a afetividade e a vida cotidiana.

Considerações Finais

A arte efêmera e seu discurso estão intimamente ligados à contemporaneidade. As práticas "educricativas" permitiram que as(os) educandas(os) percebessem a questão da temporalidade na arte e no cotidiano. Já o espectador teve a oportunidade de fazer a leitura e a interpretação das imagens expostas na Vila, a partir do repertório cultural, história de vida e também vivenciarem experiências estéticas.

As intervenções artísticas na rua nos levaram a questionar acerca do espaço urbano e público, como por exemplo, que lugar ocupo neste espaço? Como atuo no meu entorno? Foi possível ainda, refletir sobre aspectos da arte atual, por exemplo, o que é arte? Quem é o autor da obra? Onde podemos encontrar obras de arte?

Por fim, as práticas "educricativas" contribuíram para o fortalecimento da poética pessoal dos(as) educandos(as) a partir dos processos experimentados; provocaram o trabalho autoral, percebendo-se como produtores(as) de arte e não apenas consumidores(as) e estimularam encontros com diferentes percepções a respeito da cultura local e das manifestações artísticas e estéticas.

Referências

- Anjos, Moacir. (2005). *Local/global: arte em trânsito*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barbosa, Ana Mae. (2012). *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- Bondía, Jorge Larrosa. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Disponível em URL: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>
- Canton, Katia. (2009). *Espaço e lugar*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Dewey, John. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ostrower, Fayga. (2010). *Criatividade e Processos de Criação*. 25. ed. Petrópolis: Vozes.
- Pillar, Analice Dutra. (2014). "Leitura e releitura." In: Pillar, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das Artes*. Porto Alegre: Mediação.